

IMAGINÁRIOS SÓCIO-DISCURSIVOS NOS QUADRINHOS DE PAPA-CAPIM

Mariana Ramalho PROCÓPIO
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Mônica Santos de Souza MELO
(Universidade Federal de Viçosa)

RESUMO: Este artigo constitui-se numa análise discursiva das representações sociais nos quadrinhos de Papa-Capim, personagem de Maurício de Sousa. O objetivo principal foi identificar os imaginários sócio-discursivos que a revista pretende passar a seu público-alvo. Por meio da aplicação do suporte teórico-metodológico proposto pela Teoria Semiollingüística, de Patrick Charaudeau, foi possível ter acesso às principais teses defendidas e, conseqüentemente, às representações do imaginário sócio-discursivo referente ao indígena brasileiro. Foi possível perceber também que os índios são apresentados de maneira idealizada e sem contextualização com a contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos; Representações Sociais; Papa-Capim.

ABSTRACT: This work discloses a discourse analysis of the social representations in Papa-Capim's comics, from Mauricio de Sousa. The main objective was to identify the social-discursive imaginaries that the comic intended to transmit to their public. From the theoretical and methodological point of view of the Semiolinguistic Theory, of Patrick Charaudeau, it was possible to have access to the main propositions defended and, consequently, to the representations of the social-discursive imaginary from Brazilian native inhabitants. It was also possible to understand that Brazilian native inhabitants are presented in a idealistic way and without a contemporary reference.

KEY-WORDS: Comics; Social Representations; Comics; Papa-Capim.

1 INTRODUÇÃO

A mídia veicula imagens, sons, enfim, representações capazes de se engendrar na vida cotidiana, modelando e remodelando os comportamentos, as identidades e as novas representações sociais. O discurso, portanto, é uma fonte para o reconhecimento, para a produção e para a cristalização das representações sociais, uma vez que nele significados sociais são construídos e perpetuados.

Para Calazans (2004), as revistas em quadrinhos são uma forma de comunicação global, enquadradas dentro da categoria mídia impressa. Ancorados nesse paradigma, pode-se dizer que os quadrinhos são portadores de discursos de representação e revelam os valores, normas e senso comum de uma sociedade, manifestados no plano lingüístico e visual.

A partir da função primordial das representações sociais – familiarizar o não-familiar – é possível inferir que elas contribuem para outras finalidades conseqüentes: permitem a comunicação, uma vez que funcionam como um código coletivo capaz de ordenarem o ambiente social no qual estão inseridas, conferem identidade a um agrupamento e, por fim, são capazes de reforçar comportamento, idéias e clivagens entre diferentes ordenamentos sócio-culturais.

Por esse prisma, é possível inferir que as historinhas de Papa-Capim, personagem de Maurício de Sousa, procuram ambientar seus leitores com o universo indígena brasileiro. Por se tratar de um representante de um segmento social excluído, essas representações de ordem sócio-discursivas podem contribuir para a manutenção e/ou contestação de imaginários sociais sobre os índios.

É oportuno salientar que as representações sociais devem ser entendidas como fenômenos intertextuais. Isto quer dizer que, para que um leitor possa captá-las no interior de um discurso, é necessário que ele consiga perceber a relação do significado da mensagem e o universo de referência dessa comunicação, que está socialmente codificado.

Este artigo pretende identificar as representações sócio-discursivas disseminadas pelas HQ's de Papa-Capim, apoiando-nos na Teoria das Representações Sociais e na Teoria Semiolingüística do Discurso. Na primeira parte deste trabalho, abordaremos, de maneira sucinta, alguns aspectos dessas duas teorias. Posteriormente, trataremos da análise dos quadrinhos e por fim, apontaremos algumas conclusões.

2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Vários campos do saber costumam falar de representações sociais, devido à grande preocupação com os fenômenos relacionados aos domínios simbólicos. Sociologia, Antropologia, História costumam trabalhar com definições diferentes, sob a mesma nomenclatura. Para este trabalho, utilizou-se o emprego das representações sociais a partir do leque epistemológico da Psicologia Social.

A Psicologia Social é uma área de conhecimento da Psicologia, que procura aprofundar o conhecimento da natureza social do fenômeno psíquico. A construção da subjetividade e de todos os elementos do psiquismo humano é encarada sob uma perspectiva social e histórica, isto é, a partir das relações sociais. Para Vygotsky (1993), um dos principais teóricos dessa corrente, o mundo psíquico que temos hoje não foi e nem será sempre assim, pois sua caracterização está diretamente ligada ao mundo material e às formas de vida que os homens vão construindo no decorrer de sua história.

Dentre as categorias de análise da Psicologia Social, a mais interessante para o entendimento das representações sociais, neste estudo, é a linguagem. Ela é um instrumento produzido historicamente, essencial na construção da consciência e de um mundo interno, psicológico. Permite a representação não só da realidade imediata, mas das mediações que ocorrem na relação do homem

com essa realidade, ou seja, ela apreende e materializa o mundo de significações construído no processo social e histórico.

A Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida por Serge Moscovici, na década de 60, na França, e posteriormente ampliada por Denise Jodelet. As representações sociais (RS) são instrumentos de uma Psicologia Social do conhecimento, que está interessada nos processos através dos quais o conhecimento é construído e transformado no mundo social. Esse conhecimento é sempre produzido através da interação e da comunicação.

Moscovici (2003) procurou desenvolver uma teoria mista, que explicasse os fenômenos humanos a partir de um enfoque não apenas coletivo, mas que também não atentasse somente para a ótica individual e comportamentalista. A abordagem em questão necessitava estar entre a sociologia e a psicologia, e encontrava no conceito de representações coletivas de Durkheim¹ o alicerce para a nova concepção.

A proposta de Moscovici considera que o fenômeno das representações sociais está ligado aos processos sociais implicados nas diferenças encontradas na sociedade. Por meio das representações sociais, é possível encontrar as clivagens valorativas, nos recortes significativos que definem as categorias de percepção, análise e definição do social. Para melhor entender esses modelos de compreensão, Moscovici dividiu a sociedade pensante em dois universos:

a) Universo Consensual - a sociedade é vista como um grupo de pessoas iguais e livres, cada uma com a possibilidade de falar em nome do grupo. Nenhum membro possui competência exclusiva, mas essas podem ser requeridas por determinadas circunstâncias.

¹ Para Durkheim, as representações coletivas são formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar. Podem servir para integrar a sociedade como um todo. In: MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Qualquer pessoa é um “observador curioso” e é encontrado na maioria dos locais públicos, expressando opiniões. Esse universo é tratado pelas Representações Sociais.

b) Universo Reificado - a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. A competência adquirida determina o grau de participação dos membros de acordo com o mérito de cada um (ex. ser médico, ser comerciante). Existe um comportamento e uma informação adequada para cada situação. É compreendido pelas ciências e sua finalidade é estabelecer um mapa de forças, objetos e acontecimentos, que independem de nossos desejos e consciência, e aos quais devemos reagir de maneira submissa.

É possível dizer que as representações sociais são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender o mundo e de se comunicar. Através delas, os sujeitos sociais constroem seu conhecimento acerca da realidade - e com isso o senso comum - e são construídos por essa relação. A realidade é socialmente construída e o saber é uma construção do sujeito, mas não desligada da sua inscrição na sociedade. De acordo com Jodelet (2002, p.138), “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

As representações sociais, portanto, não funcionam como um reflexo da sociedade, mas como uma tradução de todo o relacionamento social. Por serem sociais, são também dinâmicas e móveis. De acordo com Moscovici (2003), o objetivo maior das representações sociais é familiarizar o não-familiar. O não-familiar está situado dentro do Universo Reificado, que são as teorizações abstratas e as ciências, ou seja, um mundo restrito. Para ser familiarizado, aquilo que é diferente deve ser trazido para o Universo Consensual, caracterizado como o senso comum.

Nesse âmbito, a comunicação deve ser vista como uma das formas provedoras do fenômeno das representações sociais, pois ela é responsável pela exposição e compartilhamento de valores, normas e símbolos em uma comunidade. Os indivíduos que compartilham o discurso de representação midiático podem ser identificados como pertencendo a um mesmo agrupamento social.

É principalmente através de símbolos, sejam eles imagéticos ou lingüísticos, artísticos ou científicos, que a sociedade exprime suas representações sociais e, portanto, seus costumes, suas instituições, suas regras e suas relações. Esses símbolos são transmitidos como teorias sobre o senso comum e saberes populares, elaboradas e partilhadas socialmente, com a finalidade de construir e interpretar o real. As representações sociais são consideradas como uma forma de construção social da realidade cuja mediação atravessa e constitui as práticas através das quais se expressam.

Para o estudo e a análise das representações sociais, tem-se a necessidade de trabalho com outras metodologias:

“O estudo complementa-se com a busca do princípio que estrutura esse campo como um sistema, seus organizadores socioculturais, atitudes, modelos normativos ou esquemas cognitivos. A coleta de material para este tipo de enfoque geralmente é feita com metodologias múltiplas, que podem ser entrevistas, questionários, observações, pesquisa documental e tratamento de textos escritos ou imagéticos. Sua abrangência tenta capturar os diversos momentos e movimentos da elaboração da representação, embora dificilmente se possa abarcar todos eles em uma única pesquisa”. (ARRUDA, 2002, p.140)

Ainda em relação às representações sociais, atribui-se a elas, cinco características essenciais: a) representam um ser ou objeto; b) têm característica de imagem e interferem na percepção; c) referem-se a um significante; d) constroem e podem ser construídas; e) são autônomas e dinâmicas. O estudo das RS busca conhecer e compreender a maneira como os indivíduos constroem um conjunto

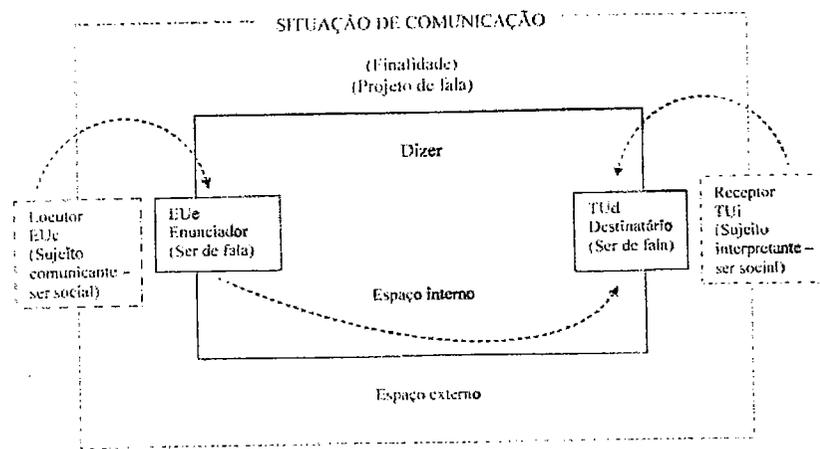
de saberes, que expressam a identidade deste ou de outro ordenamento social, as representações que eles formam sobre uma diversidade de objetos, e principalmente, o conjunto dos códigos culturais que definem, historicamente, as regras de uma comunidade.

3 TEORIA SEMIOLINGÜÍSTICA

A Teoria Semiolingüística considera o ato de linguagem como produto de uma situação comunicativa, da qual participam ativamente um emissor e um receptor. Esses interlocutores podem ou não ser pessoas diferentes, e podem interpretar uma mesma expressão lingüística de maneira diferenciada. O ato de linguagem irá fornecer instruções de sentido, mas é preciso que os saberes circulantes entre os protagonistas da situação comunicativa sejam, de alguma maneira, convergentes, para que a comunicação se efetive.

De acordo com Charaudeau, *apud* Melo (2003), para que a significação discursiva se concretize é necessário levar em conta a existência dos diferentes níveis do discurso. Há uma interrelação entre o circuito interno (lingüístico/discursivo) e o circuito externo (situacional) para a produção dos sentidos dos enunciados. Nesses circuitos encontramos o par EU e TU, duplicados em EUc (eu comunicante) e TUi (tu interpretante) no espaço do fazer (externo); EUe (eu enunciatador) e TUD (tu destinatário) no espaço do dizer (interno).

Percebe-se que na instância do fazer estão os seres definidos por uma identidade psicológica e social. Já no circuito do dizer, encontram-se outros dois seres. O EUe é aquele que dá voz aos personagens, baseado no que o EUc quer que seja dito. O TUD é o leitor ideal da historinha, pressuposto pelo agente comunicador. No entanto, o destinatário pode ou não coincidir com o TUi, uma vez que este será qualquer pessoa que leia as historinhas de Papa-Capim. Essas relações podem ser melhor compreendidas pelo quadro ao lado:



Fonte: CHARAUDEAU, P. Linguagem e discurso: modos de organização. (Título provisório) São Paulo: Contexto. (no prelo)

Para que a comunicação se efetive, Charaudeau (1992) defende a existência de um contrato de comunicação. Neste caso, é necessário que os interlocutores compartilhem o mesmo universo de práticas e costumes sociais, e coloquem-no em funcionamento por meio das representações linguageiras. Para analisarmos um ato de linguagem devemos ter em mente a intencionalidade dos sujeitos falantes, as identidades dos parceiros, a proposição a ser compartilhada e demais elementos sobre a situação comunicativa. Nesse sentido, Charaudeau (2005) propõe que o espaço onde se configura um ato de linguagem é organizado em termos de restrições e estratégias, a partir da relação entre os circuitos externos e internos.

Uma importante estratégia para que essas normas façam sentido para ambos interlocutores é o uso de representações sociais, isto é, modelos socialmente conhecidos e legitimados acerca da realidade. Entretanto, essas representações sociais são apresentadas de acordo com as intenções e finalidades do sujeito, inseridas no conjunto de teses e argumentos por este defendido.

O locutor se valerá de um dispositivo argumentativo, no qual podem ser encontrados: uma tese a ser corroborada e um universo de referência e questionamento, composto por informações e saberes implícitos e explícitos. Como composição de enunciados, a argumentação é definida em função de três aspectos mentais: a compreensão, o julgamento e o raciocínio. De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004) a *compreensão* caracteriza-se pela concepção de um determinado objeto pelas operações mentais; o *julgamento* é a refutação ou corroboração de algum aspecto da idéia; e o *raciocínio* é definido pelo encadeamento e organização dos julgamentos a fim explorar aquilo que ainda não é conhecido.

Os modos de organização do discurso, apresentados por Charaudeau (1992), constituem princípios de organização da matéria lingüística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante. Temos quatro modos de organização do discurso:

Enunciativo: referente aos seres da fala, internos ao ato de linguagem e intervém na *mise en scène* dos outros modos.

Narrativo: permite a construção de uma realidade, de uma experiência, a partir do desenrolar de ações sucessivas, de um modo específico, a um destinatário. As relações podem ser estabelecidas pelas ações, cronologia, qualificações dos personagens ou da situação relatada.

Descritivo: reconstrói, nomeia, localiza e qualifica universos segundo códigos sociais e de acordo com a finalidade de comunicação na qual está inserida, de maneira objetiva ou subjetiva. Ao descrever o sujeito poderá desenvolver efeitos tais como de saber, de realidade, de ficção, de confiança e de gênero.

Argumentativo: referente ao processo intersubjetivo que envolve um sujeito que desenvolve uma proposição e outro que é alvo dessa argumentação. O sujeito argumentante tenta expressar uma convicção, uma explicação que tem por objetivo persuadir seu alocutário. Para que essa persuasão ocorra é necessário que eles compartilhem representações socioculturais.

Charaudeau (1992, apud MELO, 2003) define que o sujeito desenvolve estratégias de argumentação de acordo com suas intenções em influenciar seu interlocutor. O dispositivo argumentativo será constituído pela tese a ser postulada, e pelos universos de problematização e contextualização, implícito e explícito.

Para tanto, o sujeito se valerá de procedimentos argumentativos a fim de legitimar ou inferir credibilidade à sua fala, ou ainda captar o seu interlocutor. Na tentativa de legitimação, o enunciador se apoiará numa posição de autoridade (seja institucional ou pessoal) para se pronunciar. Já na tentativa de alcançar credibilidade, o locutor se posicionará de maneira a determinar uma posição de verdade. Ora o enunciador optará pela neutralidade, ora pelo engajamento. E por fim, quando estiver em cena o jogo de captação, o locutor tentará convencer o interlocutor sobre sua fala. A maneira pela qual ele conquistará o convencimento e a adesão dependerá de sua finalidade: polêmica, persuasão, interpelação, dramatização, etc.

Em relação ao nível discursivo, o locutor se valerá das categorias e modos de organização da matéria lingüística para produzir os efeitos desejados. Podem ser destacados: a descrição, a analogia, o questionamento, as comparações, a metáfora e a interpelação.

No âmbito semântico, o locutor se apoiará em valores compartilhados socialmente e que justifiquem a sua argumentação. Segundo Charaudeau (1992), estes valores estão relacionados aos seguintes domínios de avaliação:

Domínio do verídico: define, de um lado, a existência dos seres em sua originalidade, autenticidade e unicidade e, de outro lado, o saber como princípio único de explicação dos fenômenos do mundo. Pautada em termos de verdadeiro e falso.

Domínio do estético: define os seres, as representações ou objetos em termos de sua beleza.

Domínio do ético: define os comportamentos humanos em termos de bem ou do mal, a partir de uma moral externa (leis impostas pela sociedade) ou interna (regras individuais de comportamento).

Avalia a realidade a partir de valores como solidariedade, justiça, responsabilidade e disciplina.

Domínio do hedônico: define os projetos, e as ações humanas em termos da busca do prazer e de sensações agradáveis ou desagradáveis.

Domínio do pragmático: consiste em definir as ações em termos de sua utilidade e/ ou praticidade. Liga-se à experiência que se apóia sobre o que é habitual, durável, freqüente, ou, por outro lado, no que é único, original, singular.

4. A ANÁLISE

O objeto de estudo da pesquisa foi constituído por 26 vinhetas, isto é, histórias em quadrinhos do personagem Papa-Capim, veiculadas entre os anos de 2000 e 2004, e que apresentam o componente lingüístico. É importante destacar que o *corpus* não compreende a produção total da Maurício de Sousa Produções do período. Nos quatro primeiros anos, as revistas do Chico Bento eram publicadas quinzenalmente e, no último ano, passaram a ser mensais. Os números analisados foram escolhidos pela disponibilidade de acervo.

Para o reconhecimento e análise das representações sociais transmitidas pelas historinhas de Papa-Capim, foi preciso ter em mente o contexto histórico e o imaginário sócio-discursivo da Maurício de Sousa Produções, no momento da construção das publicações. Isso não quer dizer que as análises aqui apresentadas indicam as intenções reais dos roteiristas e demais profissionais da empresa, uma vez que para afirmar tal proposição seria necessário acessar a consciência de tais pessoas. O que se pretende deixar claro é que as análises inferem sobre as possíveis representações sociais da revistinha, uma vez que as histórias trazem pistas e marcas, que observadas à luz dos acontecimentos históricos da época e do referencial teórico indicam a presença de um universo discursivo, e conseqüentemente, de representações sociais.

De acordo com Sousa (2006), Papa-Capim é um índio que vive na floresta amazônica, com seus amigos Potira e Cafuné. Papa-Capim é uma criança curiosa, que admira e respeita os animais, os índios mais fortes e o pajé de sua tribo. Conhece o homem branco, mas eles nem sempre falam a mesma língua. Em algumas histórias, eles se comunicam; em outras o idioma português não é reconhecido pelos índios.

No entanto, ao contrário dos demais personagens de Maurício de Sousa, não é encontrado, no site oficial da Turma da Mônica², um histórico sobre esse personagem, o que nos leva a crer que exista um certo descaso, por parte da produtora com Papa-Capim. A peculiaridade do indiozinho e o silêncio da Maurício de Sousa Produções sobre ele justificam a realização dessa pesquisa, na qual foi investigada a riqueza desse personagem, por meio das representações sociais dos indígenas.

4.1 ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

A análise do modo de organização argumentativo, proposto por Charaudeau (1992), nas vinhetas de Papa-Capim permite identificar as principais teses da revista em relação ao modo de vida dos índios, seus costumes e crenças. O universo indígena prevalece principalmente por ser a temática central das histórias. Entre os assuntos mais abordados estão: preservação ambiental e hábitos e lendas dos índios.

A supremacia das idéias indígenas não foi apoiada em oposições de elementos pertencentes a uma mesma categoria semântica. Pares como branco X índio, natureza X cidade apareceram eventualmente, mas sem uma conotação excessiva para marcação de diferenças. Os carabas, por exemplo, aparecem em apenas sete dos 26 quadrinhos analisados, ao passo que os índios estão em todas as histórias.

² Veja www.turmadamonica.com.br

As principais estratégias argumentativas, encontradas na amostra analisada, foram a explicação, a exemplificação e a metáfora. Os personagens utilizam tais estratégias para tentar legitimar suas considerações e convencer o seu interlocutor (e também o leitor) da veracidade das mesmas. Por se tratar de um gênero onde prevalece o diálogo, em algumas vezes foi possível encontrar a interpelação.

Percebe-se que há uma relação no uso de tais estratégias com a idéia de costumes indígenas acerca de suas lendas e tradição da oralidade. Os personagens nas historinhas de Papa-Capim trazem à tona a concepção de um índio que gosta de contar e ouvir histórias, que respeita os ensinamentos dos mais experientes e que aprende e aceita exemplos. Na historinha veiculada pelo gibi n.º. 345, um ensinamento da tribo é transmitido pela explicação. Na vinheta Papa-Capim e seu amigo Cafuné ficam admirados de um bravo índio, personagem das lendas de sua tribo, ter sentido medo. Então, o índio que contava a lenda, explica:

... Talvez ele devesse experimentar o medo antes! Porque o medo é uma reação natural! Também nos ajuda a preservar a vida! Quem nunca sentiu medo, pode correr riscos demais!

Outra estratégia discursiva relevante foi a ironia. Em algumas situações, o EUE se apropriou desse recurso para fazer críticas mais sutis, e que exigiam um maior conhecimento ou dedicação do leitor infante-juvenil. Em uma vinheta, por exemplo, o pajé da aldeia mostra a Papa-Capim objetos que, segundo ele, foram utilizados e descartados pelos indígenas. Tratava-se de carros, helicópteros e demais artigos referentes à sociedade dita “civilizada”.

A respeito do uso do humor e da ironia como estratégia e condição de contrato, Rezende comenta:

“Portanto, o discurso humorístico não é estático e não se detém no sentido inaugural que a narrativa constrói de imediato. Pelo contrário, ele é, por natureza, aberto a múltiplas interpretações e a diversos usos. (...) Isso se deve não apenas ao caráter fictício dos

personagens, mas à própria estratégia do humor, já que as violações e transgressões são tomadas como uma "brincadeira". (2004, p. 139)

É possível observar que os argumentos desenvolvidos nas vinhetas estão relacionados a todos os domínios. O mais frequente foi o domínio do ético, e o menos aparente foi o do estético. O domínio de avaliação hedônico também foi destacado. Estes dados permitem afirmar que os indígenas, na publicação, são mais ligados a valores e à moral do que à beleza. Esse comportamento é ditado pelo prazer, pela sensação agradável que isso lhes proporciona. Esse tratamento dado aos personagens indígenas contribui para a manutenção do imaginário sócio-discursivo referente ao índio, relacionado ao caráter, à justiça e à solidariedade.

A argumentação icônica esteve sempre aliada à argumentação lingüística. As interjeições, os elementos figurativos da narrativa e as feições dos personagens, por exemplo, foram consideradas com instrumentos que corroboravam ou refutavam a argumentação contida nos enunciados verbais.

4.2 IMAGINÁRIOS SÓCIO-DISCURSIVOS SOBRE OS NATIVOS

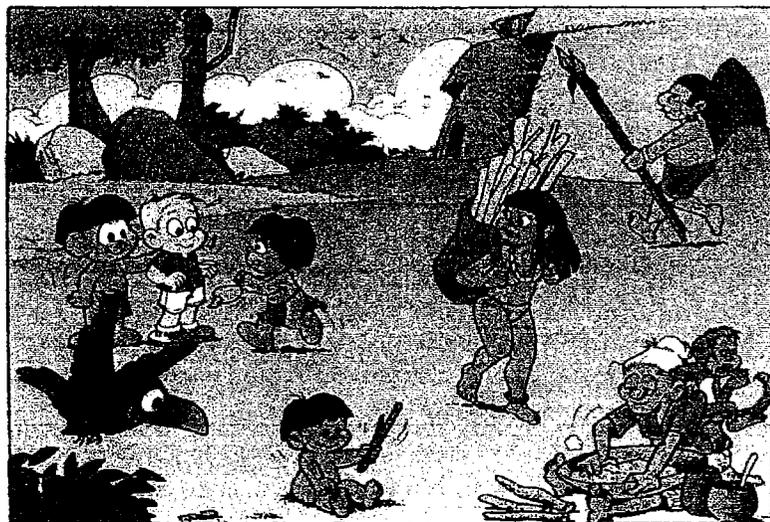
Durante muito tempo, era costume dizer e ouvir a versão sobre a história nacional de que a não escravização dos índios, no período colonial, deveu-se ao fato de os habitantes nativos não serem muito dispostos ao trabalho, insinuando que estes seriam preguiçosos. Apesar das investidas educacionais na tentativa de valorização da cultura e desmistificação de tais conceitos, por meio da nova Lei de Diretrizes e Bases e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, essa crença ainda perdura em muitos grupos sociais, principalmente de pessoas mais idosas, que não tiveram acesso a tais modificações nos currículos educacionais. Pode-se dizer que essa é uma das representações sociais costumeiramente associada aos nativos brasileiros.

Outra representação que perdurou durante parte dos séculos XIX e XX foi a imagem criada por José de Alencar, em seus romances *Iracema* e *O Guarani*. O objetivo era a valorização da cultura nacional, por meio de exaltação das belezas da terra e de seus habitantes. Essa imagem idealizada do índio brasileiro era análoga à representação dos heróis europeus, caracterizados pela bravura, pela força e pelo caráter.

Nas historinhas de *Papa-Capim*, os índios são retratados de maneira positiva, idílica e até mesmo romaneada. Nas tribos, tudo é perfeito, todos se entendem e convivem de maneira harmoniosa entre si e com a natureza. Todos realizam suas tarefas com disposição e alegria. Até mesmo as crianças têm orgulho do trabalho e o fazem sem reclamar. Os índios em *Papa-Capim* são bravos e corajosos, assim como os de José de Alencar. No entanto, é preciso deixar claro que não há nenhuma referência aos personagens dos romances; eles se assemelham nos atributos usados pelos seus idealizadores, para suas caracterizações.

Os costumes e atividades características dos índios são reafirmados pela tribo de *Papa-Capim*. Os habitantes da aldeia gostam de ouvir histórias e lendas, e estas são usadas para transmitir ensinamentos ou explicações diversas, principalmente para as crianças. Os idosos, cuja figura máxima está centrada no pajé, são dotados de grande sabedoria e recebem o respeito dos demais. Todos moram em ocas, dormem em redes, caçam e pescam para sua sobrevivência.

Pode-se presumir que o principal modelo de referência difundido pela revista concentra-se na identificação do índio como uma pessoa diferente, mas com um caráter inquestionável. As tribos funcionam como modelos de organizações sócio-culturais estáveis e harmoniosas. A criança é levada a conhecer um universo indígena marcado por lendas, convívio com a natureza e solidariedade.



Representação de aldeia indígena difundida pela revista.
Fonte: Revista Chico Bento nº 338

4.3 EXPOSIÇÃO DO CORPO E CARACTERIZAÇÃO DE GÊNEROS

Pelo fato de se tratar de uma publicação destinada ao público infanto-juvenil, percebe-se nas vinhetas um cuidado na exposição do nu. Em relação à representação feminina, verifica-se que a mãe de Papa-Capim usa uma vestimenta que cobre os seios e região genital. As demais, crianças e adultas, cobrem somente os órgãos sexuais. A única exceção acontece no gibi 388, numa vinheta que conta a história de Potira, a índia que de tanto chorar por um amor transformou-se no rio da aldeia.

Cabe ressaltar que as mulheres adultas, quando nuas, não aparecem em primeiro plano. Geralmente as nativas nuas estão no fundo, compondo a cena. Essa observação permite compreender que não há um apelo sexual na revista; o nu é justificado para apresentar aos leitores a realidade indígena, e não para provocá-los

ou despertar-lhes curiosidade, numa conotação sexual. As índias mães são mais gordinhas, ao passo que aquelas que não têm filhos têm um corpo mais esbelto.

É possível que haja, portanto, uma adequação da representação feminina aos padrões de beleza contemporâneos, uma vez que se observam mulheres com biotipo magro e feições delicadas. Algumas índias estão enfeitadas com flores no cabelo, penas, colares e brincos, remetendo às imagens que costumeiramente são apresentadas nos livros infantis e justificando o costume indígena de se enfeitar e de produzir artesanato com sementes, palha e outros materiais naturais.

Os personagens masculinos, independente da idade, usam sempre uma espécie de tanga. A maioria possui um porte atlético, o que acaba por caracterizá-los como valentes, velozes e fortes. Cada índio costuma ter uma habilidade específica: constroem boas flechas, lanças, são bons pescadores, etc.

A divisão de tarefas foi bem clara em algumas vinhetas: homens caçam e pescam, mulheres cuidam das ocas, preparam a comida e fazem balaios. As posições de autoridade e liderança da tribo são ocupadas por homens, que são sempre os detentores da razão. Pode-se inferir que a revistinha traz em si um ideal conservador, no qual a ordem e a verdade estão calcadas no universo masculino.



Exemplo de divisão do trabalho. Fonte: Revista Chico Bento nº 391

A família de Papa-Capim parece ser composta por ele, pai e mãe. Não há referência a irmãos ou demais parentes. É interessante ressaltar que os pais de Papa-Capim não apareceram juntos em nenhum momento. O pai apareceu em uma vinheta, e a mãe em outras quatro. Nem sempre a imagem do garoto está do mesmo jeito: ora possui os cabelos soltos, ora eles estão formando um penteado. Apesar do ideal conservador da revistinha, percebe-se que a noção de família não é muito explorada e que não há uma intenção de fixar uma imagem sobre tais personagens.

4.4 DIFERENÇA ENTRE AS TRIBOS

A presença de índios de tribos diferentes foi evidenciada em duas vinhetas do *corpus*. A caracterização foi feita por aspectos icônicos e de qualificação objetiva, isto é, nomeação. Os índios de uma mesma aldeia têm um corte de cabelo e feições parecidas e diferem dos outros grupos por esses aspectos e pela utilização de acessórios. O brinco foi um artefato presente em membros de aldeias diferentes, e não era usado por todos do mesmo agrupamento. As diferentes etnias foram nomeadas como Kacetada, Sururus, Gigantes e Botocudos. A tribo de Papa-Capim não recebeu identificação. As tribos diferentes convivem de maneira pacífica e cada uma tem sua peculiaridade: melhores caçadores, valentes, etc. Entretanto, o encontro entre eles ocorreu sempre de maneira casual, o que indica que eles se respeitam, mas não costumam viver próximos.



Exemplo da diferença entre as tribos. Fonte: Revista Chico Bento nº 378

4.5 ÍNDIO X CARAÍBA

Nas historinhas de Papa-Capim, os caraíbas estiveram presentes em sete vinhetas da amostra. Em cinco delas tiveram contato com os nativos, no entanto, sempre são dotados de medo e receio de encontrar os homens de pele vermelha. Quando estão na floresta, anseiam por deixar logo o local, e acreditam que os índios podem ser perigosos. Em dois desses encontros, índios e brancos ficam amigos. Nessas ocasiões a narrativa sugere que haja respeito entre os povos e que todos têm muito a ensinar e a aprender. Evidencia-se um caráter de respeito às diferenças e respeito entre as etnias.

Apesar de temerem os indígenas, os brancos das histórias também são pacíficos. Somente em uma vinheta, um homem branco era digno de reprovação, pois estava cortando árvores da floresta. Geralmente, estão de passagem pela floresta e são sempre caracterizados com roupas coloridas e acessórios, como óculos, rádio, chapéu, etc.

Branco e índio só se confrontam nas histórias em que Papa-Capim ou Cacique Ubiraci agridem homens que cortavam árvores na floresta. Os dois povos falam a mesma língua, mas algumas palavras são utilizadas em língua indígena: caraíbas, Jaci (lua), Ubiraci, Tantarã, Cobra-Coral, Tupã, etc.



Exemplo do contato entre índio e caraíba. Fonte: Revista Chico Bento nº 379

4.6 REFERÊNCIA AO CONTEXTO HISTÓRICO

Em nenhum momento há referência ao massacre indígena, ocorrido em terras brasileiras, nos séculos passados. Na relação entre brancos e índios, não há órgãos, governos ou mesmo uma referência concreta a qualquer espaço geográfico³. Nem mesmo ao tempo, há qualquer registro. Percebe-se que se trata de uma época contemporânea, devido à presença de alguns objetos relacionados ao contexto de modernidade: walkman, tênis importado, helicóptero, computador, etc.

Situações vivenciadas pelos índios brasileiros no período compreendido pelo *corpus (idem)*, também não foram apresentadas. Vale ressaltar que, desde o fim do século XX e início deste, os índios do Brasil têm sofrido com roubo de terras de suas reservas (protegidas pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI), por parte de fazendeiros

³ Somente no site da Turma da Mônica existe a informação de que Papa-Capim é um índio que vive na floresta amazônica. Vide: www.turmadamonica.com.br

e grandes empresas. Além disso, aldeias têm sofrido com falta de condições para a garantia da sobrevivência de seus habitantes e o índice de mortalidade infantil por desnutrição tem aumentado. Nem mesmo alguns indicativos positivos para a população indígena foram abordados. Atualmente já existe uma legislação em vigor sobre a educação indígena, que garante um currículo diferenciado, inclusive com aulas de tupi-guarani.

Essas constatações permitem a crença de que não há uma preocupação dos produtores da revistinha em contextualizar suas histórias, ou seja, em passar para seu público leitor a realidade dos índios brasileiros. O objetivo parece mesmo ser transmitir a representação social do índio como um ser dócil, prestativo, corajoso, mas que vive lá na mata, longe da civilização e sem problemas ou motivos para se preocupar.

A vida do índio parece não ter sofrido nenhuma alteração com o contato com o branco. Afinal seus costumes e culturas são os mesmos e não foram desvirtuados. Nenhum costume dos caraíbas foi adotado pelos indígenas e muitas práticas são desconhecidas pelos habitantes nativos. Através de tais posicionamentos, acredita-se que a revista procurou ser imparcial e não responsabilizar o homem branco pela real situação dos índios.

5. À GUIA DE CONCLUSÃO...

De maneira geral, foi demonstrado como o espaço aparentemente ingênuo das histórias em quadrinhos pode veicular e reproduzir, de maneira explícita ou implícita, representações e imaginários sociais. Verificou-se que as histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa apresentam o índio brasileiro como um ser dócil, corajoso, prestativo e solidário. Os nativos são completamente auto-suficientes e não necessitam de nenhum contato ou ajuda do branco para sua sobrevivência. Vivem de maneira harmoniosa em suas ocas, no meio da floresta, e dependem exclusivamente de sua colheita,

caça e pesca. Conservam as tradições e os hábitos indígenas, principalmente em relação ao respeito aos animais e às pessoas mais velhas.

Os índios da tribo de Papa-Capim não têm problemas e não apresentam nenhuma relação significativa com o contexto histórico no qual as histórias foram produzidas. Elementos comprovadores da contemporaneidade só são apresentados quando existem personagens brancos nas narrativas, com a presença de objetos associados à modernidade. FUNAI, reservas indígenas, problemas com roubo de terras, mortalidade infantil, doenças e demais problemas que os índios brasileiros têm enfrentado nos últimos anos não foram sequer mencionados nos quadrinhos. Não há alusão a algum sistema educacional indígena. Os únicos ensinamentos dados às crianças são feitos pelo pajé ou cacique Ubiraci.

A história transmite um ar conservador e está calcada na supremacia de figuras masculinas. Os homens são maioria e são os responsáveis pela chefia da tribo. Às mulheres, estiveram reservadas as funções de artesanato e cuidar da casa. A maioria das índias foi apresentada como bela, magra e trajando enfeites.

Um aspecto que merece ser evidenciado diz respeito à validade e confirmação de tais representações sociais pelos leitores das vinhetas. Este estudo procurou entender como a revista quer construir tal imaginário sócio-discursivo, e não como foi construído esse imaginário. Tal resultado poderia ser obtido através de um estudo de recepção com os leitores de tais quadrinhos.

A partir de tais observações pode-se levantar a hipótese de um descompromisso político por parte dos sujeitos enunciativos e comunicantes. Apoiados na pressuposição de seu tu-destinatário ser constituído pelo público infanto-juvenil, eles se esquivam de definir um posicionamento frente às questões conflituosas em relação à situação do índio brasileiro. Por meio de um enunciado leve e descontextualizado, a responsabilidade dos produtores pode ser isentada.

Entretanto, vale ressaltar que a maioria das crianças que têm acesso a esse tipo de publicação têm um padrão de vida que lhes permite ter acesso a telejornais, a Internet, a jornais e revistas. Isso quer dizer que esses assuntos costumam fazer parte de seu universo informativo e que as histórias em quadrinhos poderiam servir como um instrumento didático para a abordagem desses questionamentos. Não se pode limitar as intenções das narrativas de qualquer gibi a provocar o riso e o divertimento.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gêneros. *Cadernos de Pesquisa*. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 117, nov. 2002, p.127-147.
- CALAZANS, F. *História em quadrinhos na escola*. São Paulo: Paulus, 2004.
- CHARAUDEAU, P. Análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M.A.L. GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. (Título provisório) São Paulo: Contexto. (no prelo)
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- JODELET, D. Representações sociais : um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.
- MELO, Mônica Santos de Sousa. *Estratégias Discursivas em Publicidade de Televisão*. Tese (Doutorado) - FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2003.
- MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Tradução por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SOUSA, M. *Turma da Mônica*. Disponível em: (<http://www.turmadamonica.com.br>). Acesso em: 15 jul. 2006.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: M. Fontes, 1993.